

**SENHORA
APARECIDA
COM
COMENTÁRIOS**

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

SENHORA APARECIDA COM COMENTÁRIOS

CONTATO:

Whatsapp Central de Ensinos Bíblicos com áudios, palestras e textos do Escriba de Cristo

Grupo de estudo no whatsapp

55 13 996220766 com o Escriba de Cristo

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo e ex-padre Anibal Pereira dos Reis,, Central de Ensinos Bíblicos
1969 –*

*Senhora Aparecida com comentários
Pedro de Toledo/SP, Livrorama
Bibliomundi, Amazon.com, 2021, 149 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798366549714 Edição 1º

1. Teologia 2. Bíblia 3. Idolatria
4. Nossa Senhora de Aparecida 5. Marianismo

CDD 280

CDU 282

Conteúdo

PREFÁCIO	7
DEVOTO DA SENHORA APARECIDA.....	9
FUI UM PADRE DEVOTO DA SENHORA APARECIDA	16
NEM A GANÂNCIA, META PRIMORDIAL DOS CLÉRIGOS “APARECÍDICOS”, ME ABRIU OS OLHOS...	19
A SURPREENDENTE REVELAÇÃO	23

A VERDADEIRA HISTÓRIA DA SENHORA APARECIDA.....	26
A SANTA CAP, “CAPITAL MARIANA” DO PAÍS	44
OS MILAGRES DE APARECIDA.....	60
A IMAGEM EM PEDAÇOS E O BENZIMENTO DE JOÃO PAULO II.....	75
PARTE 2	81
CATOLICISMO.....	81
1 - IMACULADA CONCEIÇÃO.....	83
2 – RAINHA DOS CÉUS.....	88
3 – A BEM-AVENTURADA MARIA.....	89
4 – MARIA, MÃE DE DEUS.....	90
5 – A CORREDENTORA	95
6 – CULTO A MARIA.....	100
7 – A MEDIANEIRA	101
8 - MARIA, MÃE DOS HOMENS E DA IGREJA	104
9 – AS NOSSAS SENHORAS.....	107
10 – A VIRGEM MARIA.....	109

11 – OS MILAGRES DE NOSSA SENHORA	112
12 – OS CRISTÃOS E MARIA.....	113
V - IMAGENS SAGRADAS	115
APARECIDA, IMAGEM QUEBRADA	141

INTRODUÇÃO

Não incentivamos ninguém a cometer o crime de destruir o patrimônio alheio, ou perturbar o culto dos outros, mesmo que consideremos idolátrico ou demoníaco, todos tem liberdade de adorar o que quiserem, inclusive o pau e a pedra. Todos darão conta a Deus pelos seus atos infames de idolatria e feitiçaria. Mas também usamos de nossa liberdade de expressão e culto para condenar, segundo a Palavra de Deus toda forma de culto que seja prestado a outro ser que não seja Deus. Também segundo a Palavra de Deus jamais um cristão deve se ajoelhar diante de qualquer imagem para adora-

la ou dirigir orações, não interessa o que tal figura representa. Convocamos os católicos sinceros a lerem este livro do ex-padre Aníbal Pereira dos Reis com os comentários e acréscimos na segunda parte do teólogo Escriba de Cristo. Seja honesto intelectualmente e confronte sua religião e fé com a verdade da Palavra de Deus. Sua salvação eterna depende desta audácia da sua parte. A nós cabe o dever de falar e você o dever de decidir pela luz e pela verdade.

PREFÁCIO

No dia 24 de junho de 1967 apresentei este livro ao público brasileiro com as seguintes palavras: “A passagem do 250º aniversário da ‘Senhora Aparecida’ oferece ao clero romano uma outra oportunidade para, neste ano de 1967, recrudescer a propaganda de sua seita neste País infelicitado pelos seus embustes. Proporciona-me, outrossim, o feliz ensejo de apresentar aos meus patrícios o relato verdadeiro sobre a ‘aparição da santa’. Sentir-me-ei recompensado pelo fato de poder contribuir assim com o esforço do nosso povo no sentido de sua emancipação religiosa”. Com efeito, cumulou-me Deus com muitas recompensas a autoria destas páginas.

Reconheço-me compensado pelas inúmeras pessoas que, ao lerem-nas, se libertaram do embuste. Compensado pelas centenas e centenas de almas que, libertas da aparecidolatria em resultado de sua leitura, se renderam a Jesus Cristo e por Ele foram salvas. Compensado pelos sofrimentos a mim impostos da parte dos interessados em usufruir as rendas produzidas com a exploração da Senhora Aparecida, como aconteceu a Paulo Apóstolo quando, em Éfeso, a Verdade do Evangelho punha em perigo o lucro dos fabricantes de imagens da Senhora Diana e os promotores da dianolatria. O meu grande título de glória reside nesses sofrimentos. E a sofrer mais me disponho conquanto isso resulte na promoção do Nome Sacrossanto de Jesus Cristo e na salvação das almas. Este livro, cuja 10^a edição agora sai a lume, todo refundido e recheado de novos fatos, é de uma atualidade permanente porque o aparecidismo prossegue em seu nefasto programa de iludir os ingênuos e estimular a idolatria com a sua sequência de horrores. O simples relato do episódio da “descoberta” da imagem e a exposição de alguns dentre os muitos fatos vinculados à Aparecida são chocantes em sua contundência. Daí a oportunidade deste livro. Aliás, a Aparecida demonstra de maneira gritante ser o catolicismo romano o mesmo de sempre. E refratário a qualquer substancial transformação, apesar dos propalados intentos renovadores do Concílio Ecumênico Vaticano II.

[A linguagem do ex-padre Aníbal Pereira do Reis é singular, ele usava um vernáculo refinado.]

A Aparecida não se constitui em anomalia num organismo em renovação.

Aparecida, conforme demonstram o interesse da hierarquia episcopal em seu favor, a construção da sua enorme Basílica e a munificência pontifícia de Paulo VI ao lhe enviar, através de um cardeal, seu legado “a latere”, a ROSA DE OURO, nas comemorações do jubileu de 1967, Aparecida se integra soberana na estrutura do catolicismo romano, que é sempre o mesmo na sua pertinácia antievangélica e idólatra. Atual e oportuno continua este livro. A sua 10ª edição prosseguirá a tarefa de disseminá-lo Brasil afora. E Deus continuará a abençoá-lo como instrumento da Sua misericórdia em benefício das almas para libertá-las do pecado e da iniquidade da idolatria. Dr. Aníbal Pereira dos Reis (ex-padre) Araçatuba, 26 de setembro de 1974 .oOo.

DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

No clima profundamente religioso da minha família, aprendi, desde muito criança, a ser ardente devoto da Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, segundo pretende o clero. Como bons católicos, enviaram-me meus pais, aos seis anos de idade, ao catecismo paroquial na igreja matriz de São Joaquim da Barra (Estado de São Paulo), minha terra natal. Lembrome perfeitamente. Foi no último domingo do mês de maio de 1931. Nossa aula de catecismo terminara mais cedo,

antes das 3 horas, por causa da procissão do encerramento de maio, o “Mês de Nossa Senhora”... Sob a celeuma da enorme azáfama ressoavam as naves do templo. As “Filhas de Maria” davam os retoques finais nos andores. O de “São” Benedito, todo de amarelo, deveria sair: “Onde já se viu procissão sem a sua presença?”. O de “São” Sebastião, que só saía em sua festa, em janeiro, neste ano desfilaria no encalço dos outros em cumprimento de uma promessa de um dos Junqueira, família abastada da região. O da “Imaculada Conceição” estava sendo ornamentado na casa de Dona Sara, a presidente da Pia União das Filhas de Maria. Iríamos vê-lo na procissão. Reinava irrequieta curiosidade na expectativa de uma grande e agradável surpresa. A imagem precisava ser mesmo um deslumbramento porque seria coroada ao final da procissão, sob a chuva intensa de multicoloridos fogos de artifício. Raríssimamente nosso vigário, o padre Eugênio, aparecia no catecismo. Aos domingos à tarde, o seu grande compromisso se resumia em, cervejando, jogar baralho no bar do Paulo Trombini, ao lado do cinema local. Naquele dia ele foi. Insofrido, depois de haver explicado que cada país, cada estado, cada cidade tem um santo protetor, contou-nos que o papa declarara “Nossa Senhora Aparecida” padroeira do Brasil. Elucidou, ainda, que Maria “Santíssima” é uma só e que as diversas e muitas denominações a ela atribuídas não supõem diversas “nossas senhoras”. É uma só! Tendo, porém, se manifestado em Lourdes, é chamada “Nossa Senhora de Lourdes”; tendo aparecido em Fátima, é dita “Nossa Senhora de Fátima”, etc. Relatou-nos também como apareceu “Nossa Senhora Aparecida” no Rio Paraíba.

Explicou que o Rio Paraíba não ficava no Estado desse nome, porém no Estado de São Paulo. Informounos ainda na sua pressa que no dia 31 daquele mesmo mês de maio, no Rio de Janeiro, a então Capital da República, haveria uma grande festa, com a presença de todos os bispos do País, para coroar rainha do Brasil a “Senhora Aparecida”. Lembro-me, outrossim, do meu encantamento quando na procissão vi o andor dessa senhora, o mais lindo de todos. Todo iluminado, ornamentado de lantejoulas e ladeado de duas bandeiras brasileiras e rodeado de pajens trajados de veludo azul. E a imagem sobre o globo terrestre onde apareciam os contornos do mapa de nossa pátria. No sermão o padre convidou os fiéis para assistirem à missa no dia 31 em regozijo pelas solenidades a se darem no Rio de Janeiro, oportunidade em que, a propósito, contaria os fatos relacionados com a aparição da “miraculosa santa”. * * * Com efeito, nesse dia, relatou: “Certa ocasião, o Governador da Capitania de São Paulo, Conde de Assumar, em viagem para Minas Gerais, pernoitou em Guaratinguetá, no norte de nosso Estado. Então a Câmara local decidiu oferecer-lhe um banquete com uma grande variedade de pratos à base de peixe. À ordem dada pela Câmara, os três pescadores, Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso, foram ao Rio Paraíba, em cuja margem direita se localiza a cidade de Guaratinguetá.

[Neste livro o ex-padre Aníbal reconstitui a história da imagem de Nossa Senhora de Aparecida}

Principiaram as suas tentativas de pesca no Porto de José Corrêa Leite, descendo até ao Porto de

Itaguassú, onde João Alves, ao lançar sua rede, colheu, entre alguns peixes, o corpo de uma imagem, sem cabeça. E, ao repetir a operação mais abaixo, estupefato, verificou, envolta nos fios da tarrafa, a cabeça da estátua. Os esforços, antes improfícuos, tornaram-se compensados com o êxito da abundante pescaria. A cabeça ajustou-se exatamente ao corpo da imagem e, maravilhados, os pescadores viram ambas as partes colarem-se fixamente, apenas encostadas. Foram os dois primeiros milagres da ‘Senhora Aparecida’ no Rio Paraíba, aos 13 de outubro de 1717”. E prosseguiu o vigário no seu conto: “Felipe Pedroso, piedosamente, levou o achado para a sua casa, onde o conservou pelo espaço de seis anos. Muita gente da redondeza ia, especialmente aos sábados, rezar diante do oratório. Muitos ‘milagres’ aconteciam e a devoção se divulgou. Em 1743, construiu-se uma capela. Em 1846, iniciaram-se as obras de construção de um templo mais vasto, concluídas em dezembro de 1888 e permanecem na atual basílica”. Findo o seu conto, o nosso vigário conclamou todos os fiéis presentes a se prosternarem ajoelhados para, em uníssonos, repetirem uma reza à Senhora Aparecida coroada, naquela hora, lá no Rio de Janeiro, padroeira e rainha do Brasil: “Escolhendo por essencial padroeira e advogada da nossa Pátria, nós queremos que ela seja inteiramente Vossa. Vossa sua natureza sem par, Vossas as suas riquezas, Vossos os campos e as montanhas, os vales e os rios. Vossa a sociedade, Vossos os lares e seus habitantes, com seus corações e tudo o que eles têm e possuem; Vosso, enfim, é todo o Brasil... Por Vossa intercessão, temos recebido todos os bens das mãos de Deus e todos os bens esperamos

ainda e sempre, por Vossa intercessão...” Demonstra essa fórmula, ainda outra vez, a abismal distância entre o Evangelho e o catolicismo... Durante os anos do meu curso primário, sempre assisti e participei de comemorações de nossas datas nacionais, em cujos programas sempre se acentuou a Aparecida. Para mim, ser devoto da Senhora Aparecida era condição indispensável para ser bom brasileiro. Concluído o curso ginásial, fui para Campinas (Estado de São Paulo) estudar no Seminário Diocesano “Nossa Senhora Aparecida”, onde não se ouvia um sermão sem que ela fosse mencionada. A jaculatória: “Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós”, repetia-se ao final de cada dezena do rosário desfiado na enfadonha repetição da “AveMaria” defronte do altar-mor da capela encimado com a sua imagem. Aconteceu em setembro de 1942 o IV Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo. A Senhora Aparecida foi intitulada “peregrina do Congresso”. Programou-se o comparecimento da VERDADEIRA IMAGEM. Então, certa noite, o diretor do Seminário foi à capela pedir rezas para que ela ficasse em São Paulo também durante os dias do Congresso. E, depois de haver eu ouvido pela centésima vez o relato de sua aparição, o padre, naquela oportunidade, com intuito de elucidar os seus receios, destacou este pormenor: “Depois de aparecida, os pescadores levaram a imagem para a casa de um deles, Felipe Pedroso, onde ficou alguns anos. Numa manhã, a família espantada deu pela falta da ‘santa’. Ansiosos, todos foram procurá-la. Encontraram-na, depois de tanta angústia, no alto da colina. Levaram-na, de novo, para o seu altarzinho antigo, na casa do pescador. Poucas noites seguintes, repetiu-se

o incidente. Desconfiaram os devotos que a Senhora queria ficar numa igreja construída no alto do morro. Vieram as contribuições, a capelinha foi edificada e a imagem entronizada em seu altar, donde saíra uma única vez, em maio de 1931, quando fora levada ao Rio de Janeiro para ser coroada rainha e padroeira do Brasil”.

[Mitos e credences do catolicismo são milhares. As peripécias das relíquias católicas são tudo contos de fada. O ex-padre Aníbal vai perceber isto mais a frente.]

A estória de imagens fujonas, por carência de imaginação da parte do clero, se repete, como no caso da Penha, no Estado do Espírito Santo e no Rio de Janeiro, e na do Rocio, no Paraná. Pobreza idêntica ocorre na aparição de tantas “Senhoras” a envolver, num fastidioso plágio, crianças subnutridas e anormais, como em Lourdes, Salette e Fátima. Receava-se agora, esclarecia o padre, que “Nossa Senhora”, durante a noite voasse de São Paulo para a sua basílica em Aparecida do Norte. Pedia-nos rezas e mortificações para que a “santa peregrina” se dignasse permanecer na Capital Paulista durante os dias do Congresso Eucarístico. Fervoroso devoto, rezei muitos rosários e fiz muitos “sacrifícios” nessa intenção. A recepção da imagem aparecida constituiu-se numa das mais pomposas festividades daquele Congresso, cuja imponência se constata pelo milhão de pessoas a acompanhar a procissão do seu encerramento, quando a população de São Paulo ainda se encontrava aquém daquela quantidade de gente. Conduzia-se processionalmente a estátua da “peregrina” todas as noites, da catedral da Praça da Sé, onde fora

entronizada, para o Vale do Anhangabaú, com o fim de presidir as sessões solenes. Essas procissões, sem terem sido incorporadas no programa oficial das comemorações eucarísticas, se transformaram em alvoroçadas apoteoses. Retornava a imagem, em seguida, para receber as homenagens das multidões a se revezarem dia e noite. O povo devoto permanecia ali aos pés da “santa peregrina” no desígnio de venerá-la condignamente porque – supunha-se – satisfeita, permaneceria em São Paulo até o fim das solenidades. A imagem ficou. Foi exaltada em extremo. O Congresso, programado para ser eucarístico, acabou sendo “aparecídico”. Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, cognominado o arcebispo de “Nossa Senhora Aparecida”, a confirmar o mérito desta alcunha, erigiu, na Várzea do Ipiranga, uma nova paróquia dedicada a essa senhora. Mas, qual não foi o nosso desapontamento ao sabermos do engodo. A verdadeira imagem não viera a São Paulo! Recebêramos apenas um fac-símile! Encerradas as festividades do Congresso, fora entregue à recém-instalada paróquia! Alguns seminaristas se revoltaram e se julgaram vítimas de um ludíbrio. “Rezamos tanto diante daquela imagem, supondo-a VERDADEIRA...” Conformei-me por estar convicto de que o povo não merecia sua “augusta” presença... E porque “as autoridades eclesiásticas agiram com prudência”... Afinal, todas essas circunstâncias suscitaram em minha alma um afeto entranhado à padroeira do Brasil... .

FUI UM PADRE DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

Ao ordenar-me padre, em 1949, senti-me no dever de ir à sua basílica cantar uma missa, por sinal a segunda, porque cantara a primeira em minha terra natal. Nesse desejo, adquiri uma sua imagem, fac-símile, benta pelo padre superior do Convento, destinada por mim a me servir de companhia e penhor constante das bênçãos celestiais em favor do meu sacerdócio. Entranhadamente devoto da Senhora Aparecida, oferecia, como presente, uma sua imagem fac-símile, a todas as noivas por mim abençoadas no casamento. Completados dez anos de sacerdócio, recebi, como uma verdadeira promoção, minha transferência para Guaratinguetá, a cidade mais próxima de Aparecida. Localizada à margem direita do Rio Paraíba, no Estado de São Paulo, Guaratinguetá dista, pela Via Dutra, aproximadamente 220 quilômetros do Rio de Janeiro, 185 de São Paulo e 8 de Aparecida. Fui nomeado pároco da novel paróquia de “Nossa Senhora da Glória”, no bairro do Pedregulho. Sua igreja que, de tão pequena, o povo cognominara de “igrejinha”, não oferecia condições para, realmente, ser uma matriz paroquial. Decidi, por isso, construir um vasto templo. Constituí-a-se-me imensa prerrogativa edificar essa obra consagrada à Virgem Maria, e sonhava com um templo majestoso erguido naquele outeiro do Pedregulho a olhar a “Basílica Nacional da Padroeira”, plantada na colina de Aparecida. Lá do alto da torre da minha matriz, fiquei muitas vezes a contemplar a “Basílica da Rainha do

Brasil"... Eu odiava os evangélicos, aos quais chamava de hereges por combaterem "Nossa Senhora". Nesse tempo, apareceu lá em Guaratinguetá, um pastor. No seu desejo de esclarecer o povo, contratou, numa das emissoras radiofônicas locais, um horário para um programa evangélico. Muitos católicos se descontentaram com as suas explicações. Um meu colega, o clérigo Oswaldo Bindão, no seu programa de rádio, decidiu responder ao pastor. Estabelecida a polêmica, a cidade inteira se transformou em estádio para assistir a contenda. O coitado do padre pediu água em menos de uma semana. Evidentemente, qualquer jovem das nossas Escolas Bíblicas Dominicais, com a Bíblia na mão, põe qualquer padre a correr. Nós, os padres em Guaratinguetá, estávamos acuados, arrasados, com o fracasso do colega! E na certeza absoluta de que, se qualquer um de nós fosse responder ao pastor, cairia no mesmo ridículo. O pastor João de Deus Soares prosseguia dando os seus esclarecimentos. Nessas alturas, o assunto girava em torno de Maria, de cuja face o pregador retirava toda a caiação ignóbil que à Mãe de Jesus impôs o catolicismo ao logo dos tempos. Naquela oportunidade, encerrara eu, com uma retumbante procissão, as festividades da padroeira da minha paróquia. O pastor evangélico botou água na fervura do meu entusiasmo, criticando o meu desfile mariano e citando Isaías 45.20: "Congregai-vos e vinde; chegai-vos todos juntos, vós que escapastes das nações; nada sabem os que carregam o lenho das suas imagens de escultura e fazem súplicas a um deus que não pode salvar". Transtornei-me de cólera! Noutro dia, o pastor resolveu apresentar aos seus radio ouvintes os pontos coincidentes entre a Diana dos efésios e a

Aparecida dos brasileiros, à luz do relato de Atos dos Apóstolos 19.23-41. Nós não tínhamos a força de argumento. E o jeito foi apelar para o argumento da força!

[Os pastores confrontavam doutrinariamente o catolicismo romano e sua idolatria ao culto mariano. Não devemos cessar de mostrar aos católicos que adorar a qualquer outro ser, sob qualquer pretexto é IDOLATRIA. Padre Anibal Pereira dos Reis sentia o golpe dos argumentos irrefutáveis.]

E, se demorássemos, perderíamos muitos dos nossos melhores fiéis... A mentira, a calúnia, o achincalhe são os melhores argumentos para os covardes sem argumento. Incumbiram-me de resolver o problema. Apelei para a violência, comandando um batalhão de fanáticos. E, em menos de uma hora, num domingo à noite, foi destruído inteiramente o templo do pastor João de Deus Soares, lotado de pessoas participantes do culto. A Senhora Aparecida deve-me também este favor! No dia imediato, no programa “Marreta na Bigorna”, da Rádio Aparecida, o clérigo Galvão, desatou uma gargalhada satânica e parabenizou os católicos de Guaratinguetá pela façanha... O arcebispo de São Paulo congratulou-se vivamente comigo e, horas após o nosso encontro, declarou, por um grande jornal de São Paulo, que lamentava os fatos ocorridos em Guaratinguetá. O clero católico é a hierarquia dos homens de duas caras!!! Dos refolhados!!! Estreitíssimas mais ainda se tornaram minhas relações com os padres responsáveis pela Basílica de Aparecida, em cujo convento se fabricava, exclusivamente para o consumo interno, cerveja mui

apreciada entre os reverendos. No trato com os clérigos seculares, constatei a falta de amor fraterno entre eles. Supunha, todavia, que houvesse entre os regulares ou conventuais, como os franciscanos, jesuítas, dominicanos, salesianos, redentoristas. Engano! Entre estes últimos, que são os responsáveis pela Basílica e de quem mais me aproximei, acontece a mesma carência, senão pior. Lá dentro do seu convento, ao lado da “rainha” do Brasil, os padres se estracinham com ódio extremado. Os apelidos são os mais humilhantes. Havia lá o “padre Tortinho”, o “padre Marreta”, o “padre Aventura”, o “padre Zoraide”, o “Madame Fifi”... E de cada um havia um motivo especial indicado pelo próprio vocábulo... .oOo.

[No meio evangélico verá coisas iguais. A diferença é que nós sabemos que não existe a história do SANTO PADRE.]

NEM A GANÂNCIA, META PRIMORDIAL DOS CLÉRIGOS “APARECÍDICOS”, ME ABRIU OS OLHOS...

Sentia, outrossim, a frieza espiritual naquele ambiente de clérigos, profissionais da religião. Sempre os vi tratando das coisas de sua seita com ganância sórdida. Só lhes interessava o que dá lucro. A respeito de qualquer assunto, a pergunta é sempre a mesma: “Quanto rende?” E vem acompanhada do sinal característico de se friccionarem as pontas dos dedos polegar e indicador. E fazem praça disso até na sua

emissora. Certa feita, chegou uma carta, perguntando sobre as riquezas da Senhora Aparecida. Respondeu-a Victor Coelho de Almeida, no seu programa radiofônico: “Sim, ‘Nossa Senhora’ é muito rica. Rica mesmo! Ela tem hotéis, restaurantes, bares, casas de aluguel (muitas casas de aluguel!), kombi, peruas, automóveis. Ela tem muito dinheiro... Dinheiro que os seus fiéis mandam e trazem... Ela tem muitas joias, anéis, braceletes, colares. Ela tem muito ouro e pedras preciosas. Até a princesa Isabel lhe deu preciosas joias. Quem tem ouro e pedras preciosas, mande para ‘Nossa Senhora’...” A cupidez é tamanha que as suas lojas não respeitam sequer o domingo. Se se cerrarem as suas portas, deixarão de ganhar no dia de maior afluência de peregrinos aos padres e, a propósito, estão situadas ao lado da Basílica e anexas à porta de entrada da emissora. Ao entrar no templo, porém, depara-se com a proibição terminante de acender velas. Apresenta-se-lhe, outrossim, a solução: deixar o brandão numa caixa adrede colocada ao lado do altar da “padroeira”. O “pagador de promessa” sai na doce ilusão de que o padre vai, em sala adequada, queimar a sua vela em honra à santa. Engana-se, porque um dos sacristães recolhe todas as velas ali depositadas, levando-as novamente para a loja. E a vela do devoto caiu no círculo rendoso dos clérigos. Sai da loja. Vai para a caixa da Basílica. Volta à loja. De novo, na Basílica... E o dinheiro cresce na “caixa registradora”... Tudo lá é comercializado! E os redentoristas não admitem concorrência, nem por parte dos seus colegas de outras igrejas. Num fim de ano, um sacerdote do Rio de Janeiro, com o objetivo de angariar fundos para a construção de um templo, instalou, num terreno alugado, um presépio